**DMA PSICOPEDAGOGIA**

**DEJANE MASCARENHAS ARAUJO**

**SANDRA MARIA SOUZA**

**A DISLEXIA**

**SANTOS – SP**

**2013**

1. **A Dislexia**

Sendo a Dislexia uma dificuldade de aprendizagem que pode sofrer tratamento clínico, mas que também tem no conhecimento dos profissionais da escola acerca do assunto um grande benefício ao aluno, esta pesquisa teve como objeto também o estudo desta questão, além de apontar a importância de um psicopedagogo para auxiliar nessa matéria nas instituições de ensino.

Baseando-se em Hout&Estienne (2001) é possível dizer que o termo dislexia foi empregado em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista de Stuttgart, Alemanha, para se referir a um paciente que apresentava grande dificuldade no aprendizado da leitura e escrita, mas que tinha habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos.

 O prefixo grego “dis” expressa dificuldade, perturbação e o elemento grego de composição “lexia” significa ler, portanto, dislexia significa dificuldade de ler.

 Segundo Souza (1969:45), “... dislexia é um distúrbio caracterizado pela dificuldade de identificar, compreender e interpretar os símbolos gráficos da leitura, o que traz como consequência, dificuldades na escrita”.

Apesar de não haver um consenso entre os cientistas sobre as causas da dislexia, pesquisas recentes apontam fortes evidências [neurológicas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Neurologia) para a dislexia. Vários pesquisadores sugerem uma origem genética e hereditária para a dislexia.

Para a [Linguística](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ling%C3%BC%C3%ADstica), também, a dislexia não é uma doença, mas um fracasso inesperado na aprendizagem da leitura e escrita que requer atenção de familiares e educadores.

 Durante muito tempo a dislexia foi confundida com afasia. Esta última compreende a perda ou diminuição da capacidade para usar ou compreender palavras devido a uma lesão cerebral, conforme explica Richardson (1992).

Os conceitos de Dificuldades de Aprendizagem (DA), Dislexia e muitos outros, que têm vindo a ser aplicados a alunos cujo rendimento escolar (mas não a outras áreas da vida e da aprendizagem) não corresponde ao esperado para a idade, têm tido consequências, não obstante alguns méritos relativos. De entre estas consequências, ganham particular relevo as chamadas "políticas de referenciação" (o aluno só recebe apoio se, após um longo processo, for diagnosticado como DA ou como disléxico). Por estas e por outras razões os conceitos de DA e de dislexia, acabaram infelizmente por se transformar em parte do problema e não da sua resolução. (LOPES, 2010:23)

Não raras vezes a dislexia é confundida com déficit de atenção, problemas psicológicos, ou mesmo preguiça.

A reação de surpresa é comum em muitas pessoas ao saberem que Albert Einstein correu o risco de ter seus estudos interrompidos devido a um problema de aprendizagem. Ele era disléxico. Foi taxado de preguiçoso e desinteressado, porém com muito esforço e dedicação conseguiu se formar. Quando estudante era apenas um ótimo violinista e suas notas eram tão ruins que chegou a abandonar seus estudos por muito tempo. Embora sua inteligência fosse ótima e tivesse grande habilidade em cálculos, sofria muito para ler e escrever em sala de aula. A sociedade quase desperdiçou um dos seus maiores gênios, simplesmente pelo fato de não ter conhecimento sobre dislexia.

A bibliografia sobre o assunto relata inúmeros disléxicos que tiveram sucesso profissional; se tornaram grandes artistas, cientistas e executivos, Como Ainstein e Ratinho, por exemplo. Especialistas confiam que pessoas disléxicas, por serem impelidas a pensarem de forma diferente, são mais habilidosas e criativas que as de não-disléxicos.

Também, considera-se interessante neste estudo ressaltar os tipos de dislexias conforme segue síntese recolhida em variadas obras sobre o assunto, como por exemplo Nico (2005):

-Dislexia Acústica: manifesta-se na insuficiência para a diferenciação acústica (sonora ou fonética) dos fonemas e na análise e síntese dos mesmos, ocorrendo omissões, distorções, transposições ou substituições de fonemas. Confundem-se os fonemas por sua semelhança articulatória. É aqui que o papel da lingüística, especialista em Fonologia e Fonética, deve ter um papel relevante no trabalho corretivo. Daí, as professoras, especialmente as alfabetizadoras, devem ter uma formação na área de lingüística, estudando todo o mecanismo de funcionamento do sistema fonológico da língua materna.

-Dislexia Visual: Ocorre quando há imprecisão de coordenação viso-espacial manifestando-se na confusão de letras com semelhança gráfica. Não temos dúvida que o primeiro procedimento dos pais e educadores é levar a criança a um médico oftalmologista.

-Dislexia Motriz: evidencia-se na dificuldade para o movimento ocular. Há uma nítida limitação do campo visual que provoca retrocessos e principalmente intervalos mudos ao ler, logo é indispensável observar se há: alterações de grafia como "a-o", "e-d", caligrafia muito defeituosa, verificando-se irregularidade do desenho das letras, denotando, assim, perda de concentração e de fluidez de raciocínio; crianças disléxicas apresentam confusão com letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço como "b-d". "d-p", também com os números seis, nove, um sete, três, cinco; dificuldade em realizar cálculos por se atrapalhar com a grafia numérica ou não compreende a situação problema a ser resolvida; confusões com os sinais (+) adição e (x) multiplicação; a dificuldade pode ser ainda para letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons sejam acusticamente próximos: como "d-t" e "c-q”.

Nas dificuldades dos disléxicos, para o diagnóstico precoce dos distúrbios de letras, é de suma importância a participação de educadores e pais para auxiliar quando da inversão de sílabas ou palavras como "sol-los", "som-mos" bem como a adição ou omissão de sons como "casa-casaco", repetição de sílabas, salto de linhas e soletração defeituosa de palavras.

É comum o disléxico apresentar dificuldade para ler orações e palavras simples e a pronúncia ou a soletração de palavras monossilábicas é uma dificuldade evidente nos disléxicos. Nesse aspecto os profissionais da escola, sobretudo o psicopedagogo, devem estar preparados para trabalhar com a criança no sentido de exercitar a maneira correta de expressar-se.

Crianças ou adultos disléxicos invertem as palavras de maneira total ou parcial, por exemplo, “**casa”** é lida “**saca”**. Nesta situação os educadores envolvidos na aprendizagem precisam saber diferenciar quando se trata de uma brincadeira ou um jogo de palavras, observando a produtividade morfológica ou sintagmática dos léxicos de uma língua, de uma situação sem intencionalidade, quando a criança ou adulto trocar a sequência de grafemas.

Também não é raro os disléxicos copiarem de forma errada as palavras, mesmo observando na lousa ou no livro como são escritas. Isso faz os professores ficarem desesperados, pois não entendem como pode alguém estar vendo a forma correta e escrever exatamente o contrário. Então, o psicopedagogo pode auxiliar no sentido de expor com clareza que o processamento da informação léxica, que é de ordem cerebral, está invertida ou simplesmente deficiente. As crianças disléxicas conhecem o texto ou a escrita, mas usam outras palavras, de maneira involuntária. Trocam as palavras quando lêem ou escrevem, por exemplo: “gato” por “casa”.

Os disléxicos sofrem ainda com a falta de rapidez ao ler, e a fazem sem modulação e ritmo. Às vezes, eles, com muito sacrifício, decodificam as palavras, mas não conseguem ter compreensão.

Nesse sentido, o psicopedagogo pode auxiliar os docentes orientando-os em estratégias que ajudam na aprendizagem dos disléxicos, como por exemplo, o u**so frequente de material concreto.**

Diante do exposto pode se dizer que o psicopedagogo é um profissional importante na escola, sobretudo para auxiliar nas dificuldades de aprendizagem, especialmente a dislexia.

**Referências Bibliográficas**

AJURIAGUERRA, J.**Manual de Psiquiatria Infantil.** 2. ed. Rio deJaneiro: Masson do Brasil, 1970

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.BRASIL.

**Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional,1988.

Brasil. Conselho Nacional de Educação - **Câmara de Educação Básica** ­Resolução CNE/CNB n.2 de 11 de setembro de 2001 - Brasília.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Básico. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.13

\_\_\_\_\_\_\_\_.  **Lei de Diretrizes e Bases da Educação(Lei 9.394/96)**.Congresso Nacional. Brasília, Centro Gráfico,1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Ministério de Educação - **Secretaria de Educação Especial ­POLÍTICA NACIONAl DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**, Brasília MEC - SEEDSP 1994.

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 3. nº5, 7-25, 1999.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre, ArtMed, 1991.

FREIRE, Paulo.**Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio Janeiro, Paz e Terra: 1ª Ed. 1970

FREITAS, Tânia Maria de Campos. **Tratamento psicopedagógico do jovem disléxico**. Acesso em: 05 dedezembro de 2011. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>.

GLAT & FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira. **Revista Inclusão**: MEC / SEESP, vol. 1, nº 1, p. 35-39, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_. & NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Revista Integração**, vol. 24, ano 14, Brasília: MEC/SEESP, p.22-27, 2002.

\_\_\_\_\_\_\_. & PLETSCH, M. D. O papel da universidade frente às políticas públicas para Educação Inclusiva. **Revista Benjamim Constant**, ano 10, nº 29.

 HOUT, Anne Van, ESTIENNE, Françoise. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KIGUEL, Sonia Moojen. Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – **A Criança e o Adolescente da Década de 80**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Abenepe, vol. 2, 1983.

LOPES, João A. **Conceptualização, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem: A sofisticada arquitectura de um equívoco**. Psiquilibrios, 2010.

MARTINS, Vicente. A dislexia em sala de aula. In PINTO, Maria Alice Leite. (Org.). **Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d"áGUA, 2003.

MAUCO, George. **Psicanálise e Educação**. (?): Editora  Moraes, 1959.

MERY, Janine. **Pedagogia curativa escolar e psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

NICO, Maria Ângela N. (2005). **Dislexia**. Disponível em http://www.dislexia.org.br. Acesso em 02/01/2012.

RICHARDSON, J. &Wydell, T. (2003). The representation and attainment of students with dyslexia in **UK higher education**. Reading andWriting: AnInterdisciplinaryJournal, 16, 475-503.

ROUSSEAU, J.J. Emílio, ou Da educação. Trad. Roberto Leal Ferreira. SãoPaulo: Martins Fontes, 1999.

SÁNCHEZ, Jesus-Nicásio García.**Dificuldades de aprendizagem e intervenção Psicopedagógica**.trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed,2004.

SOUZA, Iracy Sá de. Psicologia: **A aprendizagem e seus problemas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

VENTURA, LO; TRAVASSOS, SB; DA SILVA, OA; DOLAN, MA. **Dislexia e Distúrbios de Aprendizagem**. Rio de Janeiro, Cultura Médica, Cap.18 p.159-174, 2011.

ZENTI, Luciana. A arte de ser professor. In: **Revista Nova Escola**, n.136. out. 2000. São Paulo: Editora Abril. P. 17-23.

**Fontes Eletrônicas de Pesquisa**

<http://www.andislexia.org.br>. acesso em: 16 mar. 2011.

<http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/1946284/t202.asp>

[http://www.webartigos.com/articles/4762/1/Inclusao-Direito-De Todos/pagina1.html#ixzz1S7kOeL7b](http://www.webartigos.com/articles/4762/1/Inclusao-Direito-De%20Todos/pagina1.html#ixzz1S7kOeL7b) - acesso em 12/09/2011

<http://www.webartigos.com/articles/5190/1/Inclusao-Escolar/pagina1.html#ixzz1S7jtSM8p> - acesso em 12/07/2011